

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2011 - ANO XIV - Nº 171

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Nada mais oportuno e providencial do que a proposta da CNBB de trabalhar a questão ambiental neste ano de 2011, que a ONU declarou como “Ano Internacional das Florestas”.

Todos os anos a Campanha da Fraternidade propõe reflexões e ações concretas em torno de temas relevantes para diminuir injustiças, educar para a vida em sociedade e evangelizar para o amor. Neste 2011 discute a preocupante situação do planeta Terra, nossa casa, que sofre os efeitos da exploração predatória de seus recursos naturais.

A CF tem o poder de movimentar milhões de pessoas em todo o país em torno de discussões atuais como a deste ano. Promove a dignidade humana, cria uma agenda positiva para o país e humaniza problemas na pauta do dia-a-dia da população, como este de meio ambiente.

O planeta vive atualmente em agonia pela devastação causada, principalmente, por um modelo de desenvolvimento que prioriza o capital em detrimento da vida. É tempo de conversão, mas conversão profunda, que mude os costumes e gere políticas globais de defesa da vida em todas suas dimensões. É tempo de oração e de tomada de posição diante de uma cultura em que o consumismo desenfreado sustenta a ganância do lucro que, a longo prazo, se transformará em irreparável prejuízo para toda a humanidade. Não que o mundo tenha que viver no obscurantismo, sem tecnologia ou desenvolvimento econômico. Não se trata disso. O que falta são discussões sobre um modelo alternativo em que haja equilíbrio entre os avanços científicos e tecnológicos e a vida no planeta.

A maioria dos cientistas concorda que a Terra não suporta por muito mais tempo o atual ritmo de degradação ambiental, tal a poluição que o desenvolvimento predatório vem causando às florestas, à vida animal, aos rios, mares e oceanos. Daí a importância da CNBB e desta Campanha da Fraternidade. Que ela consiga provocar compromissos de ações socioambientais visando à proteção do meio-ambiente!



O ano internacional da floresta é um momento não somente para reflexão sobre nossos problemas ambientais, mas também para tomada de atitudes em prol de nossas matas, por sua importância para a nossa sobrevivência e a do planeta.

2011 – Ano Internacional da Floresta

Por manter em seu território um fragmento de Mata Atlântica de aproximadamente 3.000 hectares preservado pela FPV/IMBEL, Piquete torna-se privilegiado no contexto das cidades valeparaibanas. Renomados cientistas que estudaram esse fragmento atestaram sua riqueza singular. Ao longo da Mantiqueira, outros fragmentos de igual importância precisam ser preservados e interligados formando um corredor ecológico, de maneira a manter o fluxo gênico das espécies aí existentes, garantindo para o futuro a riqueza dessa biodiversidade.

A Mata Atlântica é o segundo bioma mais ameaçado de extinção do planeta. Apesar disso, mantém índices altíssimos de biodiversidade que a classificam como um “hotspot”, ou seja, um lugar onde existe grande riqueza de diversidade biológica, mas que sofre grande ameaça.

Considerada Patrimônio Nacional pela Constituição Federal, restam pouco mais de 7% da Mata Atlântica original. Conservar e promover o uso sustentável desse patrimônio é um imenso desafio que exige trabalho conjunto das cidades, instituições públicas, academias, organizações não-governamentais, setores empresariais e meios de comunicação. Exige, sobretudo, geração e difusão de conhecimentos.

Há mais de uma década, em Piquete, a

Fundação Christiano Rosa vem trabalhando para a preservação desse bioma, buscando, por meio de ações educativas e de elaboração e execução de projetos de revegetação de mata ciliar, recompor com espécies nativas as margens de ribeirões do município.

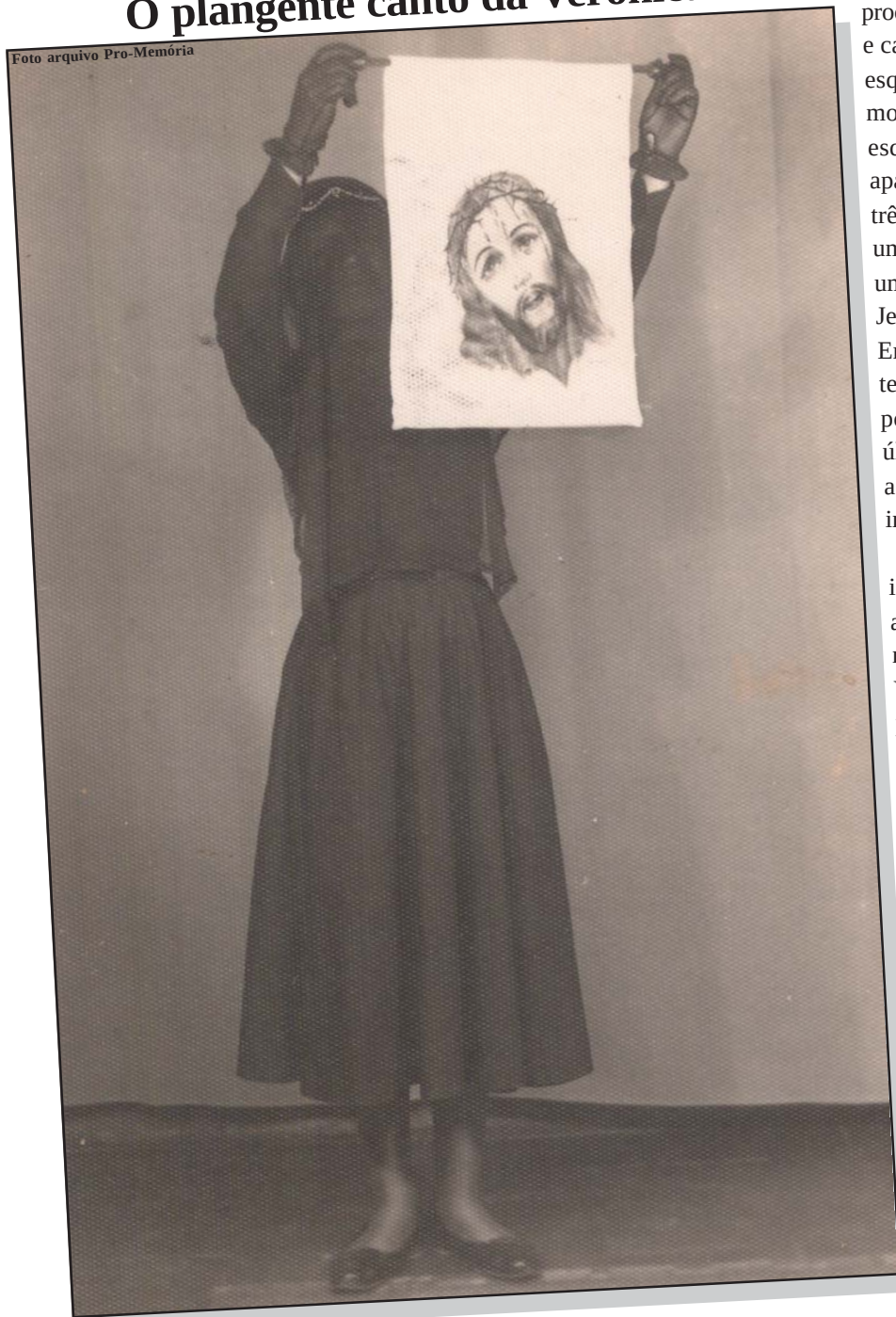
Pela importância das florestas para o planeta, a ONU declarou 2011 como “Ano Internacional da Floresta”. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), as florestas representam 31% da cobertura terrestre do planeta. Servem de abrigo para 30 milhões de pessoas em todo o mundo e garantem, ainda, de forma direta, a sobrevivência de 1,6 bilhões de seres humanos e de 80% da biodiversidade terrestre. Infelizmente, porém, as atividades baseadas na derrubada das matas ainda são bastante comuns.

No Brasil, mais de 100 milhões de pessoas beneficiam-se de águas que nascem na mata atlântica e formam rios que abastecem metrópoles e cidades brasileiras. Além disso, existem milhares de nascentes e pequenos cursos d’água que afloram no interior de seus remanescentes. O ano internacional da floresta é um momento não somente para reflexão sobre nossos problemas ambientais, mas também para tomada de atitudes em prol de nossas matas, por sua importância para a nossa sobrevivência e a do planeta.

Imagem - Memória

O plangente canto da Verônica

Foto arquivo Pro-Memória



Sexta-feira Santa: a matraca assinala a saída da procissão, na frente um crucifixo ladeado de luminárias e castiçais, logo atrás uma grande massa de fiéis, um esquife todo ornamentado com a imagem do Senhor morto. Sobre o esquife, um dossel roxo. Assim que o esquife do Senhor chega à rua, à porta da matriz aparecem quatro vultos de preto, todas com véu e três coroadas de espinhos. A quarta mulher sobe em uma banqueta e começa um canto triste desenrolando um pedaço de pano onde está estampado o rosto de Jesus. Findo o canto, a procissão inicia seu cortejo. Em alguns pontos a mulher de preto volta a cantar, tendo por coro os vultos coroados de espinhos, e por fim, antes que a imagem entre na igreja, faz sua última apresentação e se recolhe; é a Verônica que, acompanhada das Marias Beus, desaparece no interior da igreja.

Mas quem é esta personagem que povoa a imaginação? O canto da Verônica vem por muitos anos fazendo parte da nossa tradição. Sabe-se que nos Evangelhos não aparece mencionada a Verônica. Entre as várias mulheres que acompanhavam Jesus, o nome dela não é referido. Pensa-se, por isso, que o nome possa exprimir, sobretudo, o que a mulher fez. Segundo a tradição, no caminho para o Calvário, uma mulher passou por entre os soldados que escoltavam Jesus e com um véu enxugou-lhe o suor e o sangue do rosto. Aquele rosto ficou gravado no véu: um reflexo fiel, uma verdadeira imagem.

O canto triste da Verônica, na Sexta-Feira da Paixão, está presente na nossa região, onde criou forças e atravessou séculos de existência. Cantado em latim o verseto 12 de Lamentações de Jeremias, esta curiosa personagem vestida de preto desenrola o sudário com o rosto de Jesus em frente ao esquife do Senhor na Sexta-Feira da Paixão: “*Ó vós omnes, qui transitis per viam / Attendi-te et videte / Si est dolor, similis / Sicut dolor meus*”.

Seu curto e lamentoso cântico somente pode ser apreciado neste dia e

sua intérprete orgulha-se de poder fazê-lo, chegando a exercer por décadas este honroso ofício.

De acordo com o pesquisador salesiano Pe. José Geraldo de Souza, em seu estudo intitulado “*O Plangente Canto da Verônica no Vale do Paraíba*”, os atos Apócrifos de Pilatos designavam este pano por Berônica, Bernice ou Berenice. Desta forma, originou-se “Verônica”, palavra derivada de “Vera Eicón”, ou seja, “Verdadeira Imagem”, sendo este termo de uso bizantino a partir da Idade Média. Portanto, o nome Verônica foi também atribuído, por extensão, à mulher que acompanhou o sofrimento de Jesus Cristo.

Na Semana Santa de 2000, o Pe. José Geraldo de Souza aos 87 anos esteve em Piquete pesquisando. Com doutorado em Roma pelo Instituto Pontifício de Música Sacra, pesquisador de nosso folclore, por anos estudou os vários aspectos desta tradição nas procissões de Sexta-Feira da Paixão em diversas cidades da região. Na ocasião ficou hospedado no Hotel Brasil, na Praça da Bandeira. Veio para conhecer, analisar e detalhar o canto de Maria Beraldo Castanho, a Verônica que por mais de vinte e cinco anos emprestou sua voz para a personagem. Para Beraldo, era um privilégio interpretar o Canto da Verônica. Era uma oportunidade de mostrar sua devoção e a beleza de seu canto nas apresentações. Dizia ser este um momento muito importante e que cantava com sentimento. Na ocasião, Beraldo já se preocupava com a continuidade desta tradição. Encontrou em Jovanir Andreia Santos quem a substituiu à altura. Em 2002 cantou pela última vez.

Na Paróquia de São Miguel, em Piquete, tivemos, ao longo dos anos, as seguintes Verônicas: Zezé do Carlos Vieira, Adília Guimarães, Aidê Encarnação, Lídia Paulino, Heloísa Soares, Lavínia Oliveira, Doquinha, Clélia D’Amico, Maria Beraldo Castanho e Jovanir Andreia Santos.

Segundo o padre José Geraldo, Verônica é considerada a patrona dos fotógrafos, pois conseguiu moldar em uma chapa (lenço de linho) os traços fisionômicos de Jesus. A Verônica representa a compaixão, a piedade, a comoção, o amor para como o próximo.

Na foto de Dogmar Brasilino, Maria Beraldo Castanho como Verônica em 1957. O sudário foi pintado pelo artista Otávio Cândido.

GENTE DA CIDADE

Lia Chaves

O humor é um estado de espírito, e muitas vezes é remédio para solução de problemas e geração de ideias. Toda pessoa bem-humorada é otimista e persistente, possui fé inabalável e acredita que tudo vai dar certo. Essa pessoa faz com que tudo dê certo porque, sendo espirituosa, contagia quem está ao seu redor.

Assim é Maria Aparecida Chaves de Carvalho, a Lia Chaves. Para ela não tem tempo ruim, tudo está sempre bem. Nascida em Pouso Alegre, Minas Gerais, em 10 de outubro de 1932, é filha de Benedito Monteiro Chaves e Eva de Oliveira Chaves. Veio para Piquete com sete anos de idade. Eram seis filhos que desceram a Serra. Aqui nasceram outros dois. Conta que o pai trabalhava na Fábrica, era pedreiro e músico. A mãe trabalhava como costureira. A família residiu, até 1948, num casarão em frente à antiga Matriz de São Miguel, à rua Cel. José Mariano. Eram seus vizinhos as famílias de Serafim Moreira, Leonor Guimarães e o Padre Septímio Arantes, além de Maria José Silva, Joaquim Sacristão, entre outros. Descendo a rua, havia o Hotel de Maria Eufrazia; na Praça Marechal Mallet, a casa de Armando de Castro Ferreira. Na rua de baixo, a Major Carlos Ribeiro, havia o Cine Glória, a padaria do Benedito Elias, o bar do Geraldo Ferreira Pinto, o açougue do Vidinho e a loja do Tomé Serafim. Lia cresceu com os filhos dessas famílias. Eram suas amigas do dia-a-dia: Dulcineia e Alaíde Moreira, Vilma Teixeira, Clélia de Castro Ferreira, Ilma Encarnação... O Largo do Coreto, em frente à sua casa, era um local movimentado: quermesses, circos, retretas, Páscoa dos Operários e procissões fazem parte de suas lembranças.

Estudou no Grupo Antônio João, onde foi aluna de Dona Milita, Celencina Guimarães, Leonor Guimarães e Palma Ferrari. Muito católica, devota de São Miguel, foi preparada por Leonor Guimarães para a Primeira Comunhão. Diz que esta vizinha ajudou a mãe, Dona Eva, a criar os filhos. Lia fez parte da Cruzada Eucarística e



da Pia União das Filhas de Maria. “Fui uma menina impossível”, diz, sorridente.

Em 1948, a família mudou-se para uma casa na rua Cel. Luiz Relvas, na subida da Praça da Bandeira, onde reside até hoje. Nessa época, cursava o Ginásio da FPV. Guarda excelentes lembranças do Departamento Educacional e do rigor e organização das festas cívicas. Nessa época, conheceu Francisco Roberto de Carvalho Filho, o Bacalhau, que veio jogar no Estrela Futebol Clube. Namoraram por uns tempos. Em 1951, o pai foi transferido para São Paulo, a fim de trabalhar numa obra da FPV. Por três anos residiram na casa do padre Septímio Ramos Arantes, na rua Vergueiro, na Vila Mariana. Nesse período, trabalhou no aeroporto de Congonhas. Participou das comemorações dos 400 anos de São Paulo. No dia 24 de agosto de 1954, retornou a Piquete. Reatou o namoro com Bacalhau e se casaram em 21 de maio de 1955. Em 1974, enviuvou.

Como sempre gostou de música, estudou violino quando menina. Vive cantando e assoviando... Entrou para o Coral Santa Cecília, levada pelas irmãs Mirthes e Márcia. Já são 37 anos em que empresta sua voz de contralto para as cerimônias da Matriz. Trabalhou na antiga telefônica de Piquete e no Grupo Escolar Guimarães Rosa, onde se aposentou. Reside com a irmã caçula, Marina Cecília, cercada pelo carinho dos cinco filhos e sete netos. Conversar com Lia Chaves é uma diversão. Lembra que sorrir é o melhor remédio, não dói e não tem contra-indicação.



A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

A Serra da Mantiqueira mantém extensas áreas de Mata Atlântica preservada, reserva da biosfera e são verdadeiras preciosidades. Biosfera é a porção terrestre, aquática e aérea do nosso planeta onde a vida se faz presente. Reservas da biosfera são reservas naturais criadas pelo programa “O Homem e a Biosfera” (MAB), sua sigla em inglês, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. A ideia básica deste programa é a criação de “museus vivos” do que de melhor existe em termos de natureza no planeta, como amostras dos principais ecossistemas de hoje a serem preservados para as gerações futuras. Nessa categoria estão incluídos não só belos cenários naturais como também zonas ou paisagens típicas, raras ou em perigo. São, na verdade, reservas biogenéticas. No Brasil, a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica é a pioneira das reservas brasileiras. Essa floresta é a mais rica em biodiversidade do mundo, onde vivem 15% de todas as espécies animais e vegetais do planeta. No entanto, é também a mais ambientalmente agredida. Daí a importância de preservá-la. Proteger a vida não é somente uma premissa ética, mas uma necessidade essencial do ser humano. O homem depende da diversidade de animais, plantas e microorganismos para a produção de alimentos e medicamentos, e para seu prazer estético. Essa biodiversidade é fundamental também para a estabilidade climática e ambiental do planeta. Assim, nos últimos anos, a sociedade tem buscado maneiras de proteger o bioma Mata Atlântica.

A Fundação Christiano Rosa tem buscado nos últimos anos trabalhar na busca da conscientização da comunidade para a importância de se preservar o bioma Mata Atlântica.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Mirem-se no exemplo dos japoneses

O mundo está atento ao Japão. Um terrível terremoto, seguido por tsunami, destruiu toda uma região e provocou um gravíssimo acidente nuclear, com gravidade já comparada ao de Chernobyl acontecido em abril de 1986.

As imagens que inundaram o mundo por meio da internet são muito fortes. Demonstraram a força da natureza, que arrastou e devastou tudo o que encontrou pela frente em diversas cidades japonesas. O caos não é muito diferente – guardadas as proporções – do que temos visto em tragédias em outras partes do mundo, como no Haiti ou mesmo no Brasil, como em Petrópolis/RJ ou em São Luís do Paraitinga/SP.

Das cenas mostradas, a mim me impressionou a forma de reação dos japoneses à tragédia. A serenidade, a postura, a dignidade com que enfrentam a perda de tudo – casa, documentos, familiares – beiram, na minha avaliação, à frieza. A visita do Imperador, numa fisionomia imaculada, levou alento para famílias que perderam tudo, e isso basta para aquele sofrido povo. O país enfrenta racionamentos, surgem notícias de alimentos e água contaminados e tudo que se vê são filas organizadas, limpeza das ruas, trânsito organizado e, principalmente, confiança.

Não é concebível, na cultura latina, manter-se calmo, sereno, fazendo planos para o futuro sobre os escombros da casa que lhe custou anos de trabalho, ainda mais sabendo que ali se encontram parentes e amigos soterrados. Eu estaria chorando meu luto, desesperado... Essa postura japonesa me choca. Penso que, se não demonstram desespero, devem sofrer demais internamente. Solidarizo-me a eles, certamente, mas, sinceramente, não entendo.

Passados dias, vimos o resultado dessa postura e da seriedade do povo japonês: estradas destruídas estão novas, milhares de casas estão disponíveis para os desabrigados. A rotina de reconstrução das áreas demolidas é milimetricamente planejada e atende todos os flagelados dos desastres naturais que assolaram o país numa rapidez também inconcebível para um povo atolado em falcruas, corrupção e desmandos governamentais. Pensem no Haiti... Pensem nos deslizamentos de Petrópolis, Angra dos Reis, Petrópolis... Cheguemos a Piquete: há dois anos, uma enchente desalojou várias famílias. Onde elas estão? O que foi feito para evitar que se repitam os prejuízos? Em todos esses casos, muito dinheiro foi direcionado, mas nada ou muito pouco foi feito de *concreto* (interpretem como quiserem esta palavra...).

Será este o motivo da serenidade japonesa: a certeza de que tem um Imperador que lhes garante a reconstrução ao menos do patrimônio físico, já que do espiritual eles têm de sobra para suportar as várias tragédias por que vêm passando?

Mirem-se nos exemplos de Ojica, Sendai, Miyagi e Fukushima... E cobrem que se repitam em nosso país.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O azul-pombinho

De suas bem-aventuranças, primo Chico Máximo legou-me um belo livro dos poemas de Cora Coralina, e entre eles, dois particularmente notáveis: “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” e “O Prato Azul-Pombinho”. Neles, os relatos da preciosa louça chinesa pintada de azul – o chamado “azul-pombinho”. Referência não só à cor (azul-celeste, segundo o dicionário Aurélio), mas também ao tipo da louça e da representação pictórico-narrativa em desenhos delicados como filigramas, isto é, de traços finos e bem compostos. Louça em artefato apreciado nas grandes famílias dos períodos colonial e imperial, como régios presentes de casamento. Composição de chamado aparelho de jantar completo, distribuído em 92 peças, segundo o relato na forma dos poemas da autora goiana. Poeta, como se diz agora, “descoberta” tardiamente, é bem recebida nas pesquisas da literatura. É referenciada pelos poemas narrativos cuja força é dada nos registros do coloquial, descritivos de uma face regionalizada e histórica do centro geográfico brasileiro em que viveu. “Estórias”, como diz ela, “estórias avoengas” minuciosas e detalhadas, e “estórias de saudades”, dos tempos da bisavó, lembrando um evento familiar de destacado casamento para o qual fora destinado o tal aparelho. E o cuidado em descrever o foco narrativo da lenda chinesa que envolvia um mandarim poderoso e a filha, a “princesinha Lui”, e o amor contrariado pelo casamento com um plebeu. Esta lenda contada segundo seu depoimento no único prato que sobrava e que lhe dá testemunho. Na pungente narrativa do famoso “prato azul-pombinho”, prato de honra em que eram servidos os doces e salgados das festas familiares e que um dia apareceu quebrado. “Artes do saltacaminho”. Quem foi, quem não foi, restou-lhe a culpa e o castigo em ter um dos cacos pendurados ao pescoço, como penitência, amarrado a um cordão “por tempo indeterminado”, e os atributos de “inzoneira, buliçosa e malina”. O caco, em forma de meia-lua, enfim preso, pendurado a um “cordão de novelão” torcido no fuso. O fuso das rocas de fiar, comuns nas áreas rurais do velho Brasil. Servia-lhe de lição e aos outros, como nos autos-de-fé medievais.

Cora Coralina se estende na memória familiar e da velha Vila de Goiás, surgida dos tempos do ouro, quando os bandeirantes e mineradores andavam à procura do metal precioso, saindo de Minas e de São Paulo, tempos tão bem narrados por Zito Evangelista no “Sertão das Aroeiras”, 1988, romance

de crônica histórica bem fundamentada. Assim também os versos de Cora para falar do “aparelho de jantar – 92 peças”, dado como “enorme, pesado, lendário”. Além de “pintado, estoriado, versegado de loiça azul-pombinho”. E que chegado ao Brasil foi transportado em carro-de-boi, com 15 juntas e 30 bois, “ano e meio quase”, que “rodou, sulcou, cantou e levantou poeira” e que “varou Goiás – fim de mundo, cortou o sertão de Minas e o planalto de São Paulo”, viagem “de dezesseis meses e vinte e dois dias”. E isso depois de percorrer mares e portos: Rio, Lisboa, Luanda, Macau, voltar para chegar, junto às “sedas e xales-da-índia” em Caçapava, ponta dos trilhos da E.F.D. Pedro II “por volta de 1860 e tantos”, enquanto as bodas esperavam – “em suspenso” – o régio presente.

Tratava-se do casamento da sinhazinha Honória com o sinhô-moço Joaquim Luís, que se realizou, enfim, e para grandeza deste fato, dois velhos escravos “já pintando” receberam, “chorando, suas cartas de alforria”. Assim, celebravam-se os fastos, com atos de alforria, assim como nos batismos dos filhos de escravos apadrinhados pelos senhores.

Macau, na China, na área denominada Cantão, era o centro fornecedor da “louça azul-pombinho”. Colônia portuguesa na época, foi mantida com estatuto colonial como Província Ultramarina até a década de 60 do século 20.

Era importante centro artesanal, manufatureiro e de exportação, assim como Hong-Kong, colônia inglesa.

Portanto, as estórias da “louça azul-pombinho” de Cora Coralina são motes para falarmos de um grande período da história e cultura, e de seus reflexos de um passado que se afasta de nosso cotidiano.

Além do mais, com o sabor das palavras do português arcaico, já em desuso... “Coisas do passado” [...] “dado como contado”, diz Cora Coralina, cujos poemas são lições de história e prazer.

Do tempo em que, lá em Goiás, no centro do Brasil, colocava-se ouro para secar em couro de boi e distribuía-se em casamentos, como esse do poema, como confeitos em cartuchos de papel “calandrado”, ou seja, composto na forma cilíndrica. Estes para os convidados ilustres: de Cônegos e Monsenhores a Capitães-Mores, Brigadeiros e Comendadores, Juizes e Provedores, e mais a parentela.

Coisas do passado, dado como contado, como diz Cora Coralina saborosamente.

Dóli de Castro Ferreira

As Semanas Santas de antigamente

Eram realmente santas e diferentes das de hoje as Semanas Santas de antigamente. A população participava com mais intensidade e fervor das cerimônias litúrgicas. Havia profundo respeito às tradições religiosas.

Após os desvarios do carnaval, a Quarta-feira de Cinzas marcava o início da quaresma. Logo pela manhã as pessoas se dirigiam à igreja, de onde saíam

com uma cruz de cinzas na testa, feita pelo padre. Até algumas décadas atrás havia uma severidade dos católicos nesse período de preparação para a Páscoa. Os dias iam aos poucos se entristecendo. Em muitas casas, durante a quaresma, nas quartas e sextas-feiras fazia-se jejum e abstinência. Na antiga Matriz de São Miguel, cenário das principais cerimônias da Semana Santa, as imagens sacras eram escondidas, cobertas com o véu arroxado da tristeza, anunciando a solidão do Jardim das Oliveiras.

No Domingo de Ramos, primeiro dia da Semana Santa, ocasião em que se celebra a entrada de Jesus em Jerusalém, pela manhã, o largo da Matriz ficava repleto de pessoas carregando folhas de palmeiras. Uma atmosfera mística envolvia toda a cidade, fazendo com que as tardes ficassem ainda mais longas e mais tristes.

Na segunda-feira, havia a Procissão do Depósito, quando a imagem do Senhor dos Passos era transportada por homens até a igreja de São José. No dia seguinte, à noite, acontecia a Procissão do Encontro: da matriz saía o andor com a imagem de Nossa Senhora das Dores, carregado por mulheres; da igreja São José saía o andor de Nosso Senhor dos Passos, com uma cruz nas costas, carregado por homens. O encontro acontecia no Largo da Cadeia. Todos se



emocionavam com esta cena. O padre fazia uma homilia explicando o sentido cristão do encontro.

Na quinta-feira, a igreja ficava cheia para a Santa Ceia. Presenciávamos o poder do filho de Deus, influenciados pela saudade do Filho do Homem... Devendo partir, mas querendo ficar. Engendrando a Eucaristia como suprema graça para todas as gerações. O coral Santa Cecília, em latim, dava unção e majestade à cerimônia do significativo ato da lavagem dos pés. O incenso rescendia por toda a nave e uma névoa cobria a todos. Após a cerimônia, o Santíssimo ficava exposto durante toda a noite e a madrugada, guardado em turno de horas.

A Sexta-feira Maior, também conhecida como da Paixão, amanhecia triste. Mesmo com o céu azul e sol reluzente, era sempre triste. A atmosfera era pesada. Em procissão, muitos se penitenciavam indo até o alto do Santo Cruzeiro. Alguns carregavam pedras que eram colocadas aos pés da cruz. O luto emanava da alma das pessoas. Os sons eram abafados. Silenciavam-se os rádios, os sinos, o órgão, as sirenes e buzinas. Só a matraca ecoava lúgubre.

Às três horas da tarde, com a igreja lotada, tinha início a cerimônia. Pregava-se o sermão das Sete Palavras. A figura alva do sacerdote prostava-se diante do crucificado.

Havia um silêncio tumular; só se ouvia o arrastar dos pés dos que se aproximavam para oscular as sagradas chagas. À noite, a procissão do Senhor Morto. Era um verdadeiro enterro, impossível de se organizar em alas. Uma multidão compacta acompanhava o esquife carregado por homens, sob um pálio roxo. Personagens da Paixão se faziam pre-

sentes: Maria, Maria Madalena, João, José de Arimateia... Atrás, a Euterpe piquetense tocando uma marcha fúnebre. A população portando velas iluminava a noite.

Ao “plac-plac” da matraca os olhos se voltavam para a sofrida face do Salvador, apresentado por Verônica: ***O vos omnes qui transitis per viam...*** Aqui e ali, soluços. Cristo morreu! Na escuridão, acabrunhados e em silêncio, todos voltavam para suas casas.

Como os discípulos, no sábado os fiéis retornavam à igreja. Todos sabiam o que ia acontecer, mas a tristeza ainda pairava nos corações. A Antiga Matriz penumbrosa... O Kyrie era cantado à capela. De repente, Glória In excelsis Deo! O sacerdote entoava em plenos pulmões, cheio de alegria. Os sinos repicavam, as luzes se acendiam, as imagens eram descobertas, o altar refulgia de luzes e flores. As campanas tilintavam sem cessar. O órgão atroava. E o coro rompia numa polifonia festiva e vibrante, sentindo cada cantor toda a alegria da Ressurreição. Cristo ressuscitara! Todos voltavam para suas casas renovados.

A Páscoa era uma dia luminoso e alegre. Mesmo se chovesse. Para as crianças havia a malhação do Judas e o abraço de confraternização. Assim era vivida a Semana Santa de antigamente.

AC



Crônicas Pitorescas

Mistério de uma quinta-feira santa

Palmyro Masiero

Mistério de uma quinta-feira santa

Logo após o temporal, as primeiras pessoas que transitaram pela rua da estação tiveram uma surpresa das mais estranhas. Nas poças barrentas criadas pela água despencada nadavam satisfeitas traíras e saguiris.

Foi um deus-nos-acuda! Num átimo surgiu gente de todos os lados e a pescaria domiciliar acabou com a alegria dos bichinhos. Passados os primeiros momentos de diversão, surgiu a fatal pergunta de alguém mais razoável:

– De onde vieram esses peixes?

Aí a lógica imperou:

– Vieram com a chuva!

Aceso o estopim, a história cresceu, a onda espalhou-se por toda a cidade e transpôs suas divisas. Até um jornal de Lorena publicou o caso da chuva de peixes em Piquete.

– Meu avô contou que certa vez, lá em Minas, na terra dele, também choveu peixe e que caiu dourado de mais de vinte quilos!

– Chover peixe quinta-feira santa é mau agouro!

– Isso pra mim é coisa do fim do mundo!

As teorias se multiplicavam. Como sói acontecer, depois de refestelo na panela dos peixes, a coisa foi caindo no esquecimento. O mistério, todavia, ficou no ar...

As pescarias no rio Paraíba vêm de longo passado. Foram aumentadas gradualmente na razão do crescimento populacional nas duas cidades vizinhas: Piquete e Lorena. Claro que estamos cuidando das pescarias aqui em nossas proximidades. Nas quintas-feiras santas, piraquaras ou não, “todo mundo” dos dois municípios baixava e abaixava-se à beira do lendário rio com a esperança de levar a mistura para a sexta-feira santificada, dia proibido de comer carne sanguínea. Foi assim que naquela quinta sagrada, num dos primeiros anos da década de 40, estava o Paraíba: gente de vara na mão, em ambos os lados, canoas subindo e descendo o rio, sendo lançadas...

Três operários da Fábrica, pertencentes ao antigo 6º Grupo, residentes em Lorena, foram bem cedo e munidos de canoa e redes. Quase desnivelaram o rio de tanto peixe tirado do mesmo. Por volta das duas horas da tarde encostaram a embarcação à margem, pois estava ameaçando uma tormenta para nenhum posto meteorológico colocar dúvida. No gramado da orla espalharam aquele mundaréu de peixes aprisionados pelas redes e começaram a repartir entre si os maiores e mais deliciosos, de acordo com o gosto de cada um. Mas havia peixe demais! Decidiram por distribuir o excesso entre os mais infortunados.

Surgiu, então, um colega do trio, também do 6º Grupo, mas morador em Piquete, que

aparentemente havia ido ao rio apenas para uma higiene mental ou então porque todo mundo ia. Isso crê-se porque estava sem vara e unicamente com um saco que levava ao ombro, vazio. Ele, em compensação, estava meio cheio de caninha. Chegou, sentou-se, papo vai, papo vem, uma dose aqui, outra ali, e o caneco quase entornou. Como o aguaceiro ameaçador dava mostras de querer desalojar-se das nuvens pesadas, grávidas de líquido, e fazer estada aqui por baixo a qualquer momento, os colegas lorenenses encheram o saco de estopa do companheiro pingado de peixes e levaram-no até a antiga ponte do Paraíba, local de parada do “Piqueteiro”, que estava quase na hora de passar. Acomodaram-no numa das classes da Maria Fumaça e deram a obra como cumprida. Resfolegante, esta encostou na estação Rodrigues Alves debaixo de uma chuvarada de respeito. Dormitante levantou-se nosso conterrâneo e, apanhando o saco de peixes pela boca (do saco), levou-o às costas; passos incertos, saiu no aguaceiro.

Ao lado da estação havia uma cerca de arame farpado com alguns fios arrebitados e outros enroscados entre si, por onde todos passavam para economizar três passos até à porteira aberta. Foi aí que ele passou. Uma ponta de arame pegou a aniagem e foi aquele rombo! Animados pela água da chuva, os peixinhos deram de fujões e, uma a um, foram caindo fora da prisão.

Poderíamos, para encerrar o caso, admitir sua decepção ao chegar em casa e deparar com a ausência dos nadadores. Mas tal não aconteceu, pois, após o conhecimento da “chuva”, lá no 6º Grupo os três pescadores lorenenses comentavam com o dito piquetense sobre ela e perguntaram se haviam gostado, na casa dele, dos peixes que lhes haviam dado. E não é que o do saco vazio negou, taxativamente, qualquer participação no caso! Diante do inusitado da situação, concluíram eles pela explicação acima da chuva singular...

Cumprindo a promessa de omitir os nomes dos personagens desta peça, ainda hoje um nega peremptoriamente ter recebido a peixada que os outros três juram, de pés juntos, que deram.

Examinemos a situação: se o homem do saco vazio, que depois ficou de saco cheio, nega sua presença e do saco na história, e a dedução sobre o fato extraordinário a que chegaram os outros três é inválida, a invulgar chuva de peixes que caiu sobre Piquete naquela quinta-feira santa continua sendo um enigma.

Fica aqui, então, registrado um acontecimento ótimo para os estudiosos dos fenômenos pisco-solológicos.

Sempre aos domingos...

Edival da Silva Castro

Aos domingos, carrancudos ou de sóis ardentes, pelas manhãs, na Praça da Bandeira ajuntava-se gente pelos diversas casas comerciais: no Lau’s Bar, no bilhar do Zé Serafim, na sorveteria do seu Brasilino, na banca de jornal do Daniel Brasilino... E muitos se apinhavam pelos bancos da Praça.

Os engraxates exerciam a profissão ao lado do obelisco. Eu, quando notava meus sapatos sem brilho, opacos, procurava o Café. Humilde, bondoso e zeloso, um garoto em busca de alguns trocados para reforçar a renda familiar. Quando meus pés repousavam sobre a caixa, ele, cuidadoso, vestia-me calçadeiras para proteger as meias. Iniciava, então, sua arte.

As tardes dos domingos ficavam reservadas às matinês de seriados como: “A máscara de ferro”, “Capitão Marvel”, “Zorro”, e desenhos do Tom e Jerry, Pernalonga, Irmãos Corvinho. Os adeptos do futebol iam ao campo do Esporte Clube Estrela, quando o time mandava os jogos contra E.C. Elvira, Frigorífico E.C., Taubaté F.C., Esportiva F.C..

À noite, no Cinema, em cartaz, os imperdíveis “Sansão e Dalila”, “O Manto Sagrado”, “Casablanca”... Terminada a primeira sessão, as moças se uniam às que se encontravam dando voltas na Pracinha. Os rapazes, de olhares acesos, ficavam parados à conquista dos flertes. De vez em quando, ouvia-se algum comentário da beleza de alguma delas. Nos clubes Associação Comercial, Ex-Alunos e Grêmio General Carneiro havia brincadeiras dançantes, com muitos aprendizes de bolero, ao som de Valdir Calmon, Românticos de Cuba, Ray Conniff.

Sempre aos domingos iniciava-se uma paquera, ou, então, terminava-se um lindo romance...



Acesse na internet, leia e

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

Previsões e profecias

Nos primeiros anos da década de oitenta, resolvi fazer um cálculo elementar para provar que o governo federal poderia destinar 15% do território nacional à criação de parques indígenas sem prejuízo para o projeto Polocentro e outros projetos da Sudam e da Sudeco.

Manifestei-me favorável à reforma agrária nos seguintes moldes: 1. todos os então posseiros receberiam título de propriedade de suas terras; 2. cada estado elaboraria projetos que seriam examinados pelo Ministério responsável; 3. fiz observações a respeito da necessidade de assistência técnica e jurídica, principalmente aos pequenos produtores – elogiei o programa Globo Rural e recomendei ao governo federal que desse muito dinheiro à Embrapa.

Utilizei como fontes apenas publicações de livre acesso da parte de toda a população brasileira, como atlas escolares, jornais, revistas e almanaques facilmente encontráveis em bancas.

Quem examina o mapa do Brasil percebe que é muito estreito na parte de clima temperado – o Trópico de Capricórnio passa na capital do estado de São Paulo.

Da minha convivência com gaúchos, paranaenses e catarinenses na Federal de Santa Catarina, veio-me a certeza de que eram oriundos de estados de agropecuária consolidada.

Isolei, como garantidores, o centro-sul do Paraná, todo o estado de Santa Catarina e todo o estado do Rio Grande do Sul.

Concentrei meus cálculos bem na parte onde o mapa começa a alargar-se – entre os paralelos 25 e 20. Teríamos, então, todo o estado de São Paulo, o norte-noroeste do Paraná, o centro-sul de Mato Grosso do Sul; de Minas Gerais, o Sul, Campo das Vertentes e Zona da Mata; e todo o estado do Rio de Janeiro.

Somando as áreas consideradas propícias às atividades agropecuárias, concluí que, se o crescimento demográfico continuasse nos mesmos índices, esta parte do território brasileiro poderia responder pela alimentação do povo brasileiro, com excedentes, pelo menos por uma geração (25 anos), sem nenhum prejuízo para o meio ambiente.

A minha maior alegria seria a inclusão da nova fatia do mapa – entre os paralelos 20 e 15. Tomando o Triângulo Mineiro como pião, a agropecuária se expandiria paulatinamente, ocupando o norte de Mato Grosso do Sul, o sul do estado de Mato Grosso, o sul do então estado de Goiás, o centro-norte de Minas Gerais e todo o estado do Espírito Santo.

Considerando o período de uma geração, esta fração do Brasil deveria estar agora em plena efervescência no setor agropecuário, somando suas conquistas ao que já havia sido obtido pelas outras partes estudadas.

Mas o paralelo 15 não foi o limite.

Morei quatro (4) anos no, agora, estado de Mato Grosso (entre 1970 e 1976) e, pelas enormes distâncias, não adivinharia que ocupação pudesse vir a ser tão rápida.

De Campo Grande (MS) a Rondonópolis, de Rondonópolis a Cuiabá, de Cuiabá a Barra do Bugres e Barra do Bugres a Barra do Garças era tudo um espantoso vazio.

Hoje, Acre, Rondônia, o norte de Mato Grosso, o sul do Pará, o sul do Maranhão, o sul do Piauí, o estado de Tocantins (criado em 1988) e o oeste da Bahia já se incorporaram à epopeia do campo.

Quem diria! Até o Distrito Federal não quis ficar de fora do processo – empunhou o estandarte da produção.

Por falar em Brasília, como ex-aluna salesiana, tenho uma grande dúvida.

O sonho de Dom Bosco diz mesmo respeito à capital do país? O Paranoá é o grande lago a que se refere o Santo dos Meninos?

Basta verificar no mapa a extensão da linha do paralelo 15. Se, por acaso, o aquífero se elevar e criar um grande lago, ou se a terra ceder formando uma grande depressão, preenchida pelas águas do Paraguai ou do Araguaia, o espelho-d'água vai surpreender muito bem encaminhada a riqueza profetizada por Dom Bosco.

Que bom, errei! Subestimei a capacidade de trabalho do homem do campo! Os índios estão muito bem. Mas bom é não esquecer que as terras dos guarani-caiua e a área ocupada pelos índios não contactados ainda estão dentro dos 15% previstos.

Que nenhum aventureiro – ou bem-aventurado – lance mão!

Abigail Lea da Silva

Fraternidade e vida no planeta

O tema da Campanha da Fraternidade deste ano veio num momento muito oportuno, pois a humanidade está alarmada com a degradação ambiental. Enfoca o aquecimento global, as mudanças climáticas e suas consequências: tornados, furacões, enchentes, secas, queimadas, nevascas, desertificação, falta d'água...

O tema da Campanha convida-nos a agir rapidamente, tanto individual como coletivamente, para zelarmos pela criação de Deus – a natureza. A Terra é casa de todos nós. Nela abriga-se toda a família humana. Chegou a hora da “conversão ecológica”.

A CF quer gritar em favor da “salvação da criação”. É preciso, com urgência,

apressar a globalização da educação ambiental, da consciência ecológica, da ética no cuidado com o meio ambiente, da mudança de mentalidade, de hábitos, de estilo de vida, como alerta Bento XVI.

Escutemos os gemidos da Terra, os seus clamores por mais zelo e responsabilidade. Eis nossa esperança no renascimento do planeta, o nascimento de leis, decisões, mudanças de mentalidade e de visão. Ou mudamos, ou perecemos. Ainda é possível mudar.

O texto base da CF sugere muitas ações práticas: plantação de árvores, mutirão de limpeza, coleta e reciclagem do lixo, zelo pela água, cuidado com os rios, substituição de

sacolas e copos plásticos por sacolas e copos ecológicos.

No último sábado, 9 de abril, pela manhã, após discussão sobre o tema da CF deste ano, num gesto simbólico, o Presidente da Fundação Christiano Rosa, Paulo Noia de Miranda, com alguns voluntários, plantou trezentas mudas de espécies nativas da Mata Atlântica ao redor de uma nascente tributária do ribeirão da Limeira, em terras da FPV. Foram plantadas sangra-d'água, ingá, goiabeiras, pitangueira, embaúba, ipê branco, sombreiro, açoita-cavalo, pororoca, mutamba... Que este gesto se repita por todos os que se sentirem tocados pela CF 2011.

Fotos arquivo Pro-Memória





Judas Escariotes

Malhar o judas é uma prática ainda muito comum no Brasil, apesar de o costume praticamente ter sido banido das grandes cidades por falta de locais adequados e dos perigos que representa. No interior, entretanto, a tradição continua viva, e os bonecos de palha ou pano, pendurados em postes de iluminação pública, galhos de árvores ou cercas, são rasgados e queimados no Sábado de Aleluia ou Domingo de Páscoa.

Tradição popularíssima na Península Ibérica, radicou-se em toda a América Latina desde os primeiros séculos da colonização européia. No Rio de Janeiro oitocentista, os Judas – com fogos de artifício no ventre – apareciam conjugados com demônios, ardendo todos numa apoteose multicolorida que o povo aplaudia.

O judas queimado é uma personalização das forças do mal e constituem vestígios de cultos agrários, em muitas partes do mundo. Vários historiadores registraram o uso quase universal de festas de alegria no início e fim das colheitas, para se obter melhores resultados nos trabalhos dos campos.

No Brasil, é costume antigo fazer-se o julgamento do judas, sua condenação e execução. Antes do suplício, alguém lê o “testamento” do judas, em versos colocados especialmente no bolso do boneco. O testamento é uma sátira às pessoas e coisas locais, com graça oportuna e humorística para quem possa identificar as figuras.

Judas, apóstolo traidor, é cognominado Escariotes por ser oriundo de Kerieth,

cidade ao sul da Judeia. Já um ano antes da Paixão de Jesus tinha perdido a fé no Mestre, mas continuou a acompanhá-lo por comodidade e para ir furtando do que ofereciam aos apóstolos.

Obcecado por dinheiro, antes de se afastar de Cristo resolveu entender-se com os sinédritas – membros do Sinédrio, conselho supremo dos Judeus. Judas assistiu ainda à Última Ceia, em que Jesus revelou a sua traição, mas foi logo ao encontro dos inimigos de Cristo para cumprir o que tinha combinado e receber 30 moedas. Consumada a traição, arrependeu-se, quis restituir o dinheiro, mas, repellido pelos sacerdotes, enforcou-se numa corda.

Precisamos de Paz

Nas últimas semanas temos recebido notícias muito tristes e todas vindas de locais muito próximos a nós. Primeiro foi o caso do duplo assassinato das irmãs na cidade de Cunha. Depois, o desfecho trágico das investigações sobre o sumiço de uma jovem no município de Lorena. Por fim, o massacre de crianças numa escola no Rio de Janeiro. Causa-nos perplexidade tamanha violência. Ficamos nos perguntando: que atitudes a sociedade deve tomar a fim de sanar este mal que tem ceifado tantas vidas?

A Constituição brasileira foi redigida em 1988, apenas quatro anos após o fim da longa e criminosa Ditadura Militar, que tinha promovido, durante longo tempo, as mais inaceitáveis arbitrariedades contra os presos políticos, como torturas e inúmeros assassinatos. Devido a este contexto, os constituintes garantiram aos criminosos, como cláusulas Pétreas, direitos que impedem o Estado de garantir maior segurança à sociedade. Criminosos de alta periculosidade possuem, no Brasil, garantias que foram idealizadas sob a síndrome do preso político. Com leis tão laxas, a impunidade é praticamente um direito em nosso país. Faz-se urgente um enrijecimento de nossas leis penais.

Em circunstâncias em que crimes hediondos tornam-se tão difundidos pelos meios de comunicação, gerando grande comoção popular, reaparece sempre em discussões, entre os mais variados setores da sociedade, a necessidade da aprovação da pena de morte. Cristão que sou, penso que esta penalidade seria a pior maneira de buscar solução para o mal da violência, mas acredito que, em casos extremos, quando se esgotam todas as possibilidades de o Estado garantir a segurança social, por mais desprezível que seja, não seria antiética a utilização deste recurso. O Catecismo da Igreja Católica afirma no número 2266: *“Preservar o bem comum da sociedade exige que o agressor se prive das possibilidades de prejudicar a outrem. A este título, o ensinamento tradicional da Igreja reconheceu como fundamento o direito e o dever da legítima autoridade pública de infligir penas proporcionadas à gravidade dos delitos, sem excluir, em caso de extrema gravidade, a pena de morte.”*

Embora a aplicação de penas seja necessária para a garantia da segurança pública, a melhor maneira de solucionar esta questão é a promoção da cidadania, sobretudo das crianças e jovens. Aqueles que crescem em bons ambientes, tendo acesso

à alimentação adequada, à boa educação, à cultura, ao saneamento básico, vivem em moradias dignas, recebem formação profissional e encontram oportunidades de trabalho, muito dificilmente trilharão o caminho do crime. Não iremos acabar com a violência apenas com mais policiais nas ruas e mais presídios, ou com a aprovação da pena de morte. A maneira mais eficaz de fazermos, a longo prazo, com que haja diminuição significativa no número de manchetes tristes em nossos noticiários é a construção de uma sociedade justa, da qual ninguém fique excluído. O Estado é o primeiro responsável por isso. Mas nenhum cidadão brasileiro está desincumbido deste compromisso, que deve ser assumido por todos: cada um deve fazer o que estiver ao seu alcance, a fim de que nenhum compatriota seja privado de seus direitos.

Creio que ainda não atingimos situação tão extrema, na qual seja necessária a aprovação da pena de morte em nossa nação. Espero que esse tipo de penalidade nunca volte a ser utilizado entre nós, que nossa Pátria opte sempre pelo caminho da inclusão e da cidadania como principal maneira de promover a paz.

Pe. Fabrício Beckmann